

Considerações sobre o início da Ciência: Ser puro em Hegel

Gabriela Nascimento Souza¹

*Trazer à consciência essa natureza lógica,
que anima o espírito, impulsiona e age nele,
isto é a tarefa.*
Hegel

Resumo: A argumentação que aqui se apresenta tem como objetivo fazer algumas considerações sobre o início da Ciência que nos permitam uma descrição mais clara do Ser puro em Hegel. Sabe-se que o Ser puro para Hegel é indefinível, não há uma tese propriamente dita, apenas a afirmação de um início imediato, indeterminado e idêntico a si mesmo. Partindo de considerações sobre os movimentos lógicos de uma filosofia científica nos perguntamos sobre o que consiste a mediação imediata do início da *Ciência da Lógica*.

Palavras-chave: Filosofia, Ciência, Ser puro, Imediatidade indeterminada, Identidade apenas consigo.

Abstract: The argumentation presented here aims to make some considerations about the beginning of Science which allow us a clearer description of the pure Being in Hegel. It is known in advance that the pure Being to Hegel is indefinable, there is not a thesis itself, only the affirmation of a immediate, indeterminate and equal to itself beginning. Starting from the considerations about the logical movements of a scientific philosophy, we investigate the immediate mediation of the beginning of the *Science of Logic*.

Key-words: Philosophy, Science, pure Being, Indeterminate Immediacy, Equal only to itself.

Considerações Iniciais:

Uma das grandes questões norteadoras da *Doutrina do Ser* consiste em com o que precisa ser feito o início da Ciência. Para que o Ser puro seja o ponto de partida do movimento especulativo da *Ciência da Lógica*, é claro e aceito a justificação de sua imediatidade inicial. Entretanto, pensando no Ser Puro em conexão não só com todo o processo de constituição da

¹ Aluna do PPG (doutorado) em Metafísica e Epistemologia da PUCRS, bolsista Capes – Prosup.

consciência de si na *Fenomenologia do Espírito*, mas também e principalmente, com o seu elemento lógico subjetivo próprio da filosofia moderna (o conceito), a mediação reflexiva se apresenta como parte importante e única possibilidade de sua descrição. Se o começo da Ciência deve ser tanto mediado quanto imediato, o primeiro passo para compreendê-lo é investigar o que significa Ciência e como ela determina a si mesma num processo de mediação que tem como ponto de partida o puramente indeterminado. Desta forma, o artigo que aqui se desenvolve, para a realização de seu objetivo, o qual consiste em considerações sobre o início da Ciência em Hegel que nos permitam caracterizar o Ser puro, divide-se em três tópicos: (1) *Filosofia e Ciência: entendimento, dialética e especulação*, no qual partimos das considerações sobre o início da Ciência abordando brevemente o que é filosofia e em que sentido ela é científica para Hegel, para isso explicitaremos o teor da crítica de Hegel ao entendimento, a fim de mostrar a importância da reflexão e do entendimento na mediação da razão; (2) *O começo da Ciência*; onde se acompanhará a abordagem de Hegel na sua pergunta inicial da *Doutrina do Ser*. Com o que deve ser feito o início da Ciência?; (3) *Ser Puro em Hegel: o elemento lógico*, último tópico que vem como uma recuperação das abordagens dos tópicos anteriores e faz um diálogo com dois importantes intérpretes de Hegel, principalmente no que concerne ao Ser puro como de possível descrição apenas por meio da reflexão, da operação do entendimento que introduz a separação na fluidez.

1. Filosofia e Ciência: entendimento, dialética e especulação

Hegel entende por Ciência o próprio movimento filosófico que se desenvolve até o especulativo. A Ciência consiste num visar da verdade dentro do movimento do conhecer até o saber absoluto. O espírito possui uma racionalidade imanente, essa racionalidade imanente consiste na própria lógica que progride na história. A lógica, enquanto racionalidade imanente possui seus momentos lógicos de movimentação para o conhecimento e não é determinada por elementos externos que

garantam um conhecimento seguro e certo. Por isso, a Ciência, enquanto filosofia, não admite a compreensão de sua tarefa como uma mera ordenação ou análise conceitual, mas sim como uma concatenação relacional. A Ciência propriamente filosófica é a sua própria forma e constitui o seu próprio conteúdo.

Nesse sentido, também não podemos admitir um método preordenado ao conteúdo e conseqüentemente, não se admite um objeto pressuposto para a Ciência filosófica. Nas palavras do próprio Hegel, no seu prefácio a primeira edição da *Ciência da Lógica* (1812), lembrando o que ele mesmo já havia explicitado na *Fenomenologia do Espírito* (1807):

[...] a filosofia, na medida em que ela deve ser ciência, não pode tomar de empréstimo para isso o seu método de uma ciência subordinada, como é a matemática, bem como tão pouco pode contentar-se com garantias categóricas de uma intuição interior ou servir-se de raciocínios a partir de razões da reflexão exterior. Mas só pode ser a natureza do conteúdo que se move no conhecer científico, na medida em que ao mesmo tempo é apenas esta reflexão própria do conteúdo que põe e gera sua própria determinação (p.28, 2016).

Esta passagem é muito clara e insere Hegel, até certo ponto, no círculo dos pós-kantianos que tinham a pretensão de tornar a filosofia uma Ciência rigorosa, como Reinhold e Fichte. Sem nos atentarmos para as diferenças específicas das filosofias de cada um desses grandes filósofos, a concepção geral que fica é a necessidade de uma reestruturação da filosofia kantiana que não admita a perpetuação dos dualismos, permitindo que o pensar pense a si mesmo. Tal intenção, entendida como necessidade, remete-nos desde já às considerações sobre o início da Ciência: qual seria o princípio ou o ponto de partida mais seguro para uma Ciência filosófica que não perpetue dualismos?

Embora o começo da ciência em Hegel não possa admitir um caráter proposicional, como deve no caso de Reinhold e Fichte, o primeiro parece estar de acordo com o que fora diagnosticado por Reinhold no seu trabalho *Sobre a possibilidade da filosofia como ciência rigorosa* (1790), onde este compreende o peculiar erro dos filósofos como a atividade na qual “o meio é esquecido

em nome do fim [*das Mittel über den Zweck vergessen*]” (p.346, 1978). Isso quer dizer, em uma primeira análise, que é preciso entender a filosofia como um processo, um processo no qual o próprio ponto de partida, que é neste contexto a proposição fundamental, deveria conter em si, conforme as palavras de Fichte “a ambos, conteúdo e forma” (p.16, 1980) e que “Cada proposição da doutrina-da-ciência tem seu lugar determinado por uma outra proposição, e determina por sua vez o lugar de uma determinada terceira” (p.16,17, 1980).

O contexto da filosofia moderna, no que se refere à integração entre conteúdo e forma, nos deixa facilmente perceber que nele não há nada que não faça parte da atividade da consciência. Não há nada que seja puramente objetivo, o que nos encaminha, da integração entre conteúdo e forma para a integração entre o objetivo e o subjetivo. E assim, para a indagação de como deve decorrer o exercício do pensar científico. Por isso, como nota Orsini, quando discorre sobre a similaridade entre a visão hegeliana do início e o pragmatismo, “a filosofia vale mais como uma atividade do que como uma doutrina” (p.11, 2015), o que significa que um início da Ciência desprovido de pressuposição não pode dizer respeito a uma proposição fundamental, porque esta já pressupõe uma compreensão preliminar predicativa. Uma filosofia sem pressuposição e de início anti proposicional depende, para o desenvolver de si mesma, do próprio movimento especulativo. Para Houlgate, filosofar sem pressuposições significa que nada é tomado como garantido [*take for granted*], significa não tomar como garantida qualquer concepção particular de pensamento e de suas categorias. O que não nos leva necessariamente a considerar como erradas as regras da lógica aristotélica, nem desconsiderar por total a ideia kantiana de que conceitos são predicados ou possíveis juízos, mas sim, deixar para trás o que aprendemos sobre o pensamento com Kant, Aristóteles ou Leibniz a fim de “meramente suspender nossos pressupostos familiares sobre o pensamento e procurar descobrir *no curso* da Ciência da Lógica como ou não eles se provarão como concretos” (HOULGATE, p.30, 2006 tradução minha).

O especulativo é aquilo que se permite acontecer a partir da própria natureza determinada/indeterminada do começo. De certa forma, o começo já é integração do subjetivo com o objetivo, da forma com o conteúdo, do determinado com o indeterminado e o desenrolar propriamente dito dessas integrações desenvolve-se via operações do entendimento, da dialética e do especulativo. No desenvolver de tais operações, Ser e pensar encontram-se como um e o mesmo. Especificamente no início da obra *Ciência da Lógica*, esse movimento aparece na consideração prévia de Hegel sobre o que é o progredir, no qual

a consciência é reconduzida, em seu caminho a partir da imediatidade, com a qual inicia, para o saber absoluto [...] que resulta como a verdade suprema, concreta e última, de todo o ser, é ainda mais reconhecido, como o que se exterioriza com liberdade no fim do desenvolvimento e se solta para a figura de um ser imediato (p.73, 2016).

O progredir é, então, também um regresso, porque no final do processo de pensamento ele reencontra o Ser imediato. Entretanto, não vamos nos deter nessa discussão tão vasta, que nos levaria as críticas atribuídas ao sistema de Hegel como círculo vicioso. O que nos interessa, por enquanto, é que esse progredir, onde Ser e pensar se identificam, é constituído pela logicidade interna ao processo de autodesenvolvimento do sistema categorial que, embora não evidente nesse passo da *Ciência da Lógica*, desenvolve-se em três momentos (entendimento, dialética e especulativo). Para Hegel, o que prevalece a respeito das considerações a respeito do início e do princípio como um progredir é que: “o princípio também deve ser início e aquilo que é anterior [*Prius*] para o pensar também deve ser o primeiro no curso do pensar” (p.70, 2016).

É uma decorrência do grande avanço proporcionado pela *Crítica da Razão Pura* (1781) a transformação do saber filosófico no sentido da identificação da Lógica (pensar) com a Metafísica (Ser), isso quer dizer que, com Kant as formas do pensar passam a habitar o próprio conteúdo lógico. É evidente que pensar é pensar do entendimento e que o Ser estaria para além das determinações fixas do entendimento. Porém, o que Hegel

prioriza é uma nova forma de pensar o entendimento, porque ao mesmo tempo em que Kant reinstaura a dignidade da dialética mostrando que “toda a determinação abstrata do entendimento – tomada somente como ela se dá a si mesma – se converte imediatamente em sua oposta” (p.164, 1995) ², é com Kant que a identidade entre Ser e Pensar entra em colapso na face das antinomias da razão, fazendo com que se fique “preso somente ao lado abstrato – negativo do dialético, o resultado é apenas o lugar-comum: que a razão é incapaz de conhecer o infinito” (p.59, 2016). É preciso, desde as considerações do jovem Hegel³, uma ressignificação do entendimento que o coloque em seu lugar e o retire a pretensão de conhecimento do Absoluto.

Ainda no Prefácio a primeira edição da *Ciência da Lógica*, Hegel afirma que Kant justifica a renúncia ao pensar especulativo pela impossibilidade de se ultrapassar os limites da experiência e pelo equívoco da intuição intelectual. O grande problema de Kant, expresso por Hegel já em *Fé e Saber*⁴ (1802) estaria na ideia de que a razão é síntese *a priori*, ou seja, não reconhece nenhum limite externo, não faz parte do entendimento. Contrariamente a Kant, em Hegel a razão assume uma posição participativa em relação ao particular e não se separa por completo do entendimento:

O entendimento determina e mantém as determinações; a razão é negativa e dialética porque ela dissolve as determinações do entendimento em nada; ela é positiva, porque produz o

² Ver em: adendo ao parágrafo 88 da *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830). Volume 1: A Ciência da Lógica* (p. 163 – 166, 1995).

³ Ver em: *Reflexion als Instrument des Philosophierens no Differenz des Fichteschen und Schellingschen Systems der Philosophie* de 1801 (p.25) e também no texto de 1802 : *Wie der gemeine Menschenverstand die Philosophie nehme, dargestellt an den Werken der Herrn Krug*, onde Hegel defende as doutrinas da ciência de Fichte e de Schelling e ridiculariza as exigências de um tal Sr. Krug, o qual seria a própria personificação do entendimento. O erro do Sr. Krug e de todos aqueles incapazes de compreender o idealismo é confundir a Ideia com uma mera representação empírica, desconhecendo seu caráter mediador e infinito, o mesmo que fora criticado por Fichte contra os incapazes de se elevar ao especulativo e abrir mão de uma consciência meramente empírica e também o mesmo que é criticado em relação ao ceticismo (p.188, 1990).

⁴ Ver em: *Glauben und Wissen oder Reflexionsphilosophie der Subjektivität in der Vollständigkeit ihrer Formen als Kantische, Jacobische und Fichtesche Philosophie* (p. 288 e p. 301, 1990).

universal e compreende o particular inserido nele. Assim como o entendimento costuma ser tomado enquanto algo separado da razão em geral, assim também a razão dialética costuma ser tomada enquanto algo separado da razão positiva (HEGEL, p.28, 2016).

Assim como com Hegel não se fala mais de um *a priori* separadamente de um *a posteriori*, o entendimento não precede a razão e a razão não precede o entendimento, mas ambos trabalham juntos, como o que separa e o que reúne incessantemente. No que concerne à dissolução das determinações do entendimento, a razão é compreendida como negativa e no que concerne a reunião do particular para a produção do universal ela é positiva. É por isso que não se separa a razão dialética da razão positiva e também é por isso que a razão é espírito. O espírito é negativo e dialético quando nega o simples e “põe a diferença determinada do entendimento”; mas o espírito também é positivo enquanto não conserva o resultado negativo, mas reestabelece a simplicidade primeira “como o universal que é concreto em si” (HEGEL, p.28, 2016).

O pensar não se limita ao pensar do entendimento, enquanto o entendimento separa e abstrai os objetos ele já não corresponde simplesmente a intuição e sensação imediata “que como tal só lida exclusivamente com o concreto e nele permanece” (HEGEL, p.160, 1995). Ao mesmo tempo, por meio dessa denúncia da oposição entre pensamento e sensação não é possível atingir o pensar em geral, uma vez que o universal posto por meio do entendimento é abstrato. Mas é preciso atentarmos para o teor da crítica da Hegel ao entendimento e às operações da reflexão. Não há uma condenação da filosofia do entendimento e um esforço em trazer simplesmente e forçosamente a primazia da razão. Há sim, como já dito, uma tentativa de ressignificação do entendimento, sem que com isso se reduza o dialético a uma mera modificação do entendimento. A dialética põe o entendimento no sentido de que explicita ulteriormente o conteúdo do entendimento, mostrando seu lado dinâmico. Mas essa operação racional negativa é de muita

importância⁵, na filosofia o entendimento garante “antes de tudo que cada pensamento seja apreendido em sua precisão completa, e que não se fique no vago e no indeterminado” (HEGEL, p.162, 1995), por meio da operação da reflexão que pode ser entendida como uma estrutura autorreferente do conceito. O grande problema para Hegel não é a operação do entendimento, mas sim o não avanço da dialética negativa para o positivamente racional ou especulativo.

É nesse ponto que cabe mencionarmos a crítica do jovem Hegel ao ceticismo antigo, em especial ao Sexto Empírico, crítica que acompanha a *Ciência da Lógica* e reaparece explicitamente na *Enciclopédia*. Uma vez que o ceticismo contém a simples negação como resultado dialético, ele não é uma simples doutrina da dúvida, mas sim da certeza da nulidade de todo o infinito e com isso, apenas desespero de tudo o que há de firme no entendimento⁶. A pretensão de Hegel de superar o ceticismo para estabelecer um novo fundamento para a filosofia tem a ver com a deficiência dessa tradição em superar o campo da cisão [*Entweiung*] e assim fazer a passagem da reflexão para a razão de forma não excludente.

Partindo de tal crítica Hegel mostra a diferença entre dialética e reflexão, enquanto a última relaciona a determinação isolada a colocando em relação e a ultrapassando, assim como mantendo o valor isolado de tal determinação. A dialética por sua vez, toma a limitação das determinações do entendimento como ela realmente é, simplesmente negação, e a ultrapassa imanentemente, segundo Hegel, nisso consiste o finito.

Todo finito é isto; suprasumir-se a si mesmo. O dialético constitui pois a alma motriz do progredir científico; e é o único princípio pelo qual entram no conteúdo da ciência a conexão e necessidade imanentes, assim como, no dialético em geral, reside a verdadeira elevação – não exterior – sobre o finito (p.163, 1995).

⁵ Para Hegel a importância da operação da racionalidade negativa vale não só para a filosofia, mas também para a arte e para a religião. Ver em no adendo do parágrafo 80 da *Enciclopédia* (p.162, 1995).

⁶ Ver no segundo adendo do parágrafo 81 da *Enciclopédia* (p.166, 1995).

O exemplo do finito nos mostra uma limitação na operação do entendimento. O finito, compreendido pela operação do entendimento, tem a imediatidade da finitude, mas ao mesmo tempo o eternaliza.⁷ Entende-se que uma filosofia que se guia apenas pelas determinações do entendimento não pode ser rigorosamente científica, é preciso seguir o caminho dos momentos lógicos e partir do entendimento para o negativamente racional, ou dialético, ou *alma motriz do progredir científico* e continuar o caminho, chegando à *verdadeira elevação*, ao especulativo, ou positivamente racional, ou ainda, elevação da negatividade via reconciliação dos opostos⁸. É nesse desenvolvimento impossível de pressuposições internas e externas que o conteúdo especulativo pode ser entendido também como um espelhamento da afirmação que se afirma e da negação que nega a afirmação e a própria negação ao mesmo tempo, é o momento em que algo é *suprassumido*, em que nesse espelhamento, esse algo entra em unidade com seu contraposto. Na *Ciência da lógica*, quando Hegel desenvolve a sua observação sobre a expressão *suprassumir* [*Aufheben*], ele a define com as seguintes palavras:

Suprassumir tem na língua [alemã] o sentido duplo pelo qual significa tanto guardar, conservar, quanto, ao mesmo tempo, cessar, pôr fim. O guardar mesmo já encerra em si o negativo, que algo é subtraído a sua imediatidade e, com isso, a um ser aí aberto às influências externas, a fim de conservá-lo. Assim, o

⁷ Na *Ciência da Lógica* essa contradição da operação do entendimento é abordada por Hegel em *A Imediatidade da finitude*: “O entendimento persiste nessa tristeza da finitude, na medida em que torna o não ser a determinação das coisas, tornando-o ao mesmo tempo, imperecível e absoluto” (p.135, 2016).

⁸ Esses três momentos do lógico que serão mais devidamente desenvolvidos na *Enciclopédia*, podem ser entendidos, a meu ver, como os mais louváveis frutos da crítica a reflexão desenvolvida por Hegel ainda em *Differenz des Fichteschen und Schellingschen Systems der Philosophie* (1801), mais especificamente em *Prinzip einer Philosophie in der Form eines absoluten Grundsatzes*, onde ele profere que “a reflexão não é capaz de exprimir a síntese absoluta em uma proposição, quando essa proposição deve valer como uma autêntica proposição para o entendimento; a reflexão precisa separar o que está unido na identidade absoluta e exprimir separadamente a síntese e a antítese em duas proposições, em uma proposição a identidade e na outra a cisão” (p.37, 1986).

suprassumido é, ao mesmo tempo, um guardado, que apenas perdeu sua imediatidade, mas, por isso, não é aniquilado (p.111, 2016).

Por isso, a maior injustiça e ao mesmo tempo a mais comum contra o conteúdo especulativo é torná-lo unilateral, ou seja, não levar em conta esse espelhamento e ressaltar apenas uma das partes nas quais ele pode ser dissolvido. O movimento espiritual determina a si mesmo, é igual a si mesmo, é o método sem método, ou seja, um desenvolvimento imanente no entrelaçamento entre forma e conteúdo, e “somente perseguindo este caminho que constrói a si mesmo, afirmo que a filosofia é capaz de ser ciência demonstrada, objetiva” (HEGEL, p.28, 2016). Entendemos o movimento espiritual enquanto simplicidade quando entendemos tal simplicidade tanto como abstração quanto como produção e construção de si mesmo, o que significa construção de seu próprio conteúdo e de seu próprio objeto. O mais simples a ser constatado, de início, é que ao mesmo tempo em que o pensar não pode ser engendrado apenas objetivamente, ele não pode ser engendrado apenas subjetivamente porque o movimento do pensamento também pertence às próprias Coisas. O pensar objetivo que constitui o desenvolver da filosofia científica do entendimento, passando pelas dialéticas até o especulativo, foi aqui o ponto inicial das nossas considerações sobre o início da Ciência.

Partimos da concepção de que o essencial para o ponto de partida da Ciência filosófica que é o Ser puro imediato é a compreensão do que consiste uma Ciência filosófica e dos momentos lógicos que a constituem, embora esses mesmos movimentos lógicos não apareçam claramente distinguidos no início da *Lógica*. Partimos daquilo que Hegel chamou no seu Prefácio da segunda edição da *Ciência da Lógica* como “o reino do pensamento filosofante” ou “a sua própria atividade imanente” (p.31, 2016), agora vamos seguir com a compreensão dada por Hegel de como foi dado até então o início da Ciência e sua resposta para a primeira pergunta da *Doutrina do Ser*: “Com o que precisa ser feito o início da ciência?” (p.69, 2016).

2.0 começo da Ciência

Partindo da pergunta inicial feita no presente artigo, a saber, qual seria o início mais seguro para uma filosofia que não perpetue dualismos⁹, podemos continuar as nossas considerações lembrando que, no reino do pensar filosofante, em toda a sua atividade imanente, uma Ciência filosófica ou uma Filosofia científica que não propague dualismos depende, em primeiro momento, de que o pensamento pense a si mesmo. O pensamento que pensa a si mesmo no processo do pensamento objetivo perpassa os momentos lógicos de entendimento, dialética e especulativo, e assim, não cai no erro dos filósofos de privar o fim ao meio como diagnosticado por Reinhold e integrada forma e conteúdo como proposto por Fichte na sua *Doutrina da Ciência*. Outra questão que deve ser aqui lembrada, e que talvez seja ainda mais importante, é a ideia de que a participação do entendimento na mediação da razão seria também responsável por garantir uma filosofia livre de dualismos. Desta forma, não há a possibilidade da pressuposição de regras e leis do pensar anteriores ou exteriores ao processo de movimentação do conhecer. As formas da reflexão constituem o próprio conteúdo do pensar da lógica, por isso devem:

ser apenas fundamentadas no interior dela. Não somente a indicação do método científico, mas também o próprio conceito da ciência em geral, pertencem ao seu conteúdo, e, na verdade, ele constitui seu resultado último; o que a lógica é, ela não pode, portanto, dizer antecipadamente, mas somente todo o seu tratamento engendra esse saber dela mesmo como seu último resultado e como sua realização plena. Do mesmo modo, seu objeto, o pensar, ou seja, de modo mais determinado, o pensar conceituante é essencialmente tratado no interior dela [da

⁹ Não perpetuar dualismos também pode significar não cair na unilateralidade. A esse respeito, não podemos deixar de mencionar a leitura de Adorno a respeito dos textos de Hegel. A leitura de Adorno acaba perdendo a pretensão de libertar-se do dualismo e do unilateral, uma vez que, considera apenas o sujeito e toma toda a filosofia de Hegel como uma mera filosofia da identidade. Ver a pergunta feita por Dieter Henrich: “Estaria o filósofo crítico de Frankfurt, trabalhando apenas com o mínimo inventário de todo o hegelianismo, apenas com as implicações de troca entre Universal – Particular e Sujeito – Objeto?” (p.2), no texto: *Negative Dialektik* (1968).

lógica]; o conceito disso gera-se em seu decurso e não pode ser presumido (HEGEL, p. 45, 2016).

O que é presumido na introdução não é uma justificativa anterior ao seu conteúdo e seu método, mas sim elucidações sobre o ponto de partida a partir do qual a Ciência deve ser considerada e começar o seu movimento. Nesse contexto do movimento especulativo dialético que determina a Ciência a si mesma, é interessante notar como Hegel aborda a história do início da filosofia, ou o ponto de partida a partir do qual a filosofia tem sido considerada. Objetivamente o começo é a causa primeira, um conteúdo determinado como é o caso do Uno de Parmênides, da Substância de Espinosa e das Mônodas de Leibniz. Subjetivamente, o começo é “antes apenas um critério do que essa determinação objetiva – pensar, intuir, sentir, Eu” (p.69, 2016). O significado objetivo não pode ser o único aceito para a filosofia moderna, é preciso, como feito primeiramente por Fichte, integrar o significado objetivo ao significado subjetivo.

A não aceitação do pensamento moderno de um princípio que tenha como início apenas o significado objetivo é marcada pelo progresso da formação do espírito, o qual inclui ao início também o seu significado subjetivo. Para Hegel esse segundo significado é também “inteiramente negado por aqueles que iniciam, por assim dizer, como por um tiro de pistola, a partir de sua revelação interior da fé, da intuição intelectual e etc. e quiseram estar acima do método e da lógica” (p.70, 2016). Ao referir-se a fé como princípio, Hegel claramente se refere a Jacobi, o qual, ao criticar o idealismo como um niilismo, coloca como única saída o salto mortal da fé¹⁰. Ao referir-se a intuição intelectual, Hegel refere-se a Schelling, o qual, propõe como

¹⁰ A respeito da crítica de Jacobi ver especialmente na sua carta a Fichte, onde primeiramente ele firma sua posição de que a crença de Fichte “é, ao mesmo tempo impossível, pois ela, enquanto pretende ser meramente artificial – ou meramente científica, ou especulativa pura – elimina a crença natural e, por fim, suprime-se a si mesma enquanto crença e, por conseguinte, suprime com ela todo teísmo” (p.483, 1996); e mais adiante reconhece o salto mortal da fé como quimera: “Verdadeiramente meu querido Fichte, não devo chatear-me se você, ou quem quer que seja, chama de quimera aquilo que eu oponho a esse idealismo que eu censuro como niilismo” (p.501,1996).

princípio a identidade absoluta de forma meramente dada, negando qualquer mediação¹¹. Mais adiante Hegel critica não só a posição de início no Eu Absoluto aos moldes de Schelling, mas também o Eu absoluto da autoconsciência como um ato absoluto aos moldes do idealismo subjetivo de Fichte¹². Para Hegel, nem o princípio unicamente objetivo, nem a fé, nem uma intuição intelectual, nem o Eu, podem ser o início da Ciência, porque em lugar de uma espécie de entidade previamente dada e aceita, é preciso uma substância viva que constitua e prove a si mesma de forma dinâmica. Por isso:

não existe nada, nada no céu, ou na natureza, ou no espírito, ou seja lá onde for, que não contenha igualmente a imediatidade bem como a mediação, de modo que essas duas determinações se mostram como inseparadas e inseparáveis e aquela oposição como algo nulo (p.70, 2016).¹³

A inseparabilidade entre mediação e imediatidade nos remete ao ponto de vista o qual toma a partida da Ciência da Lógica como o Saber puro, que consiste na “verdade última e absoluta da consciência” (HEGEL, p.71, 2016), ou na chegada da *Fenomenologia do Espírito*, que toma nova configuração e torna-se

¹¹ Sobre a crítica de Hegel a intuição intelectual de Schelling e a hipótese de que Hegel se distancia de sua concepção de Absoluto retornando ao diálogo com Kant e Fichte como uma via para a Filosofia da Reflexão ver no texto de Luft: *Sobre a dissociação da razão moderna: a busca hegeliana por uma conciliação entre criticidade e saber absoluto*, onde o professor concorda com a afirmação do antigo interprete alemão de Hegel: “[de acordo com Hegel] a essência universal do mundo não deve ser apreendida assim como a filosofia romântica, a [filosofia] de Schelling a compreendeu, mas este ponto de vista deve ser corrigido através de uma filosofia do entendimento kantiana e fichtiana” (HAYM, p.220, 1962 In: LUFT, p.62, 2006).

¹² Ver em p.78,79 do primeiro livro da *Ciência da Lógica*, onde Hegel conclui que: “no que concerne à determinidade subjetiva do Eu em geral, o saber puro toma certamente do Eu seu significado limitado de ter num objeto sua posição insuperável. Por essa razão, seria pelo menos supérfluo conservar ainda essa postura subjetiva e a determinação da essência pura com o Eu” (p.79, 2016).

¹³ Essa ideia é correspondente, em certa medida, ao que fora proferido por Hölderlin entre 1803 e 1805 em comentário a tradução de um dos nove fragmentos de Píndaro por ele traduzidos. No comentário para o hino *O supremo* de Píndaro, Hölderlin interpreta que “o imediato, de modo estrito” não pode ser objeto de conhecimento e que por isso, a lei suprema seria a própria mediação. Ver em: HÖLDERLIN, p.25, 2010.

ponto de partida (Ser puro), ou início lógico. No que diz respeito à perspectiva da *Lógica* em relação à *Fenomenologia*, “A lógica é a ciência pura, isto é, o saber puro em toda a extensão do seu desenvolvimento” (HEGEL, p.71, 2016). Essa afirmação é de suma importância para as nossas considerações sobre o início da Ciência, pois nos permite notar que, na *Lógica*, o Saber puro não é mais Saber puro, mas sim, presentifica-se como imediatidade simples para se desenvolver. Nesse momento inicial do processo lógico, o Saber puro, ao se juntar com a unidade do Ser puro, “suprassumiu toda relação com um outro e com a mediação; ele é o que é sem diferença; esse sem diferença deixa ele mesmo de ser saber” (HEGEL, p.71, 2016).

Por esse motivo, o “método” hegeliano na *Lógica* depende de um deixar observar o movimento do que se desenvolve, uma vez que o que se desenvolve ainda não está definido, o que temos é a determinação do Saber puro suprassumida, ou seja, um Ser puro simples, imediato e, portanto, indefinido. Então, resta apenas eliminar todas as reflexões, permitir-se partir do que existe antes de nós e observar¹⁴. Ainda com as palavras de Hegel, partir do início da Ciência de forma imanente significa partir do resultado do saber finito da consciência na simples atitude de “acolher o que está presente [...] por meio da mediação que é ao mesmo tempo a suprassunção de si mesma” (p.71, 72 2016).

Já no que diz respeito ao próprio elemento lógico como início da Ciência, o início é o Ser puro sem relação alguma com o Saber puro fenomenológico. O começo é um início abstrato que não pode pressupor nada, não é mediado por nada e não tem fundamento, sendo ele mesmo o próprio fundamento de toda a Ciência. Como ele não se determina frente a outro ele também

¹⁴ Ver as considerações sobre o método na pergunta feita por Houlgate: *Does Hegel have a method?*, onde o intérprete defende, com William Maker (*Philosophy without foundations: Rethinking Hegel – 1994*); que Hegel não tem um método dialético ou especulativo conforme o que se entende por método no senso tradicional de filosofia, e que significa uma regra de procedimento que pode ser especificada a priori de sua explicação para um conteúdo. Nas palavras de Houlgate: “This is not to say that Hegel should adopt no method whatsoever in his Logic. But his method can consist in nothing more than considering indeterminate being itself and setting on what, if anything, the thought of such being involves” (p.32, 2006).

não tem nenhuma determinação em si, sequer um conteúdo, ele é o mais simples de tudo e assim não há como acrescentar reflexões ou representações anteriores ao que pode ocorrer no caminho lógico “todavia, assim como todos os outros preconceitos prévios, elas devem encontrar na própria ciência a sua execução e, portanto, há de se ter para isso, paciência” (HEGEL, p.72, 2016).

Vimos brevemente que o Ser puro é o início da Ciência por conta do resultado da *Fenomenologia* como Saber puro, por conta dele mesmo na sua mais alta simplicidade e por fim, temos que o Ser puro é o início porque a lógica deve constituir um círculo virtuoso.¹⁵ Essa última justificação quer mostrar que O Ser puro é uma unidade, da qual todo o desenrolar lógico deriva e para a qual o Saber puro retorna, “ou, se ele mesmo ainda deve ser mantido diferente de sua unidade como forma, então ele também é conteúdo do mesmo” (HEGEL, p.75, 2016).

Até aqui, seguindo a argumentação do próprio Hegel, exigiu-se do início apenas um início puro, mas ainda “seria preciso ver o que ele é” (HEGEL, p.75, 2016). Ver o que significa esse início puro demanda que ele seja como pureza deixado de lado. Essa é, como destaca Hegel, uma sugestão para o bem daqueles que não estão convencidos do começo pelo Ser simples, ou daqueles, que como Reinhold, acreditam que a Ciência inicia com a pressuposição de uma representação. Mas o início enquanto Ser é também o início enquanto Pensar, que deve ser a mera representação de um mero início puro como tal e sendo assim, “É preciso, então, ver o que temos nessa representação” (p.76, 2016). Essa representação possui primeiramente uma unidade entre Ser e Nada, uma vez que o início é também um “nada de onde algo deve sair” (HEGEL, p.76,2016) e, por fim é suprassumido no momento do devir. Nisso consiste, da forma mais breve possível, a primeira tríade a partir do início puro.

As categorias da primeira tríade (ser- nada- devir) definem-se umas as outras de forma relacional e mediada.

¹⁵ Essas três formas de justificação do início da Ciência com o Ser puro são abordadas no roteiro de leitura para o seminário de 27/03/2017 desenvolvido pelo Prof. Federico Orsini.

Voltamos então para os momentos lógicos por nós considerados no primeiro tópico do artigo. Embora só haja a possibilidade de definição do sentido de cada categoria lógica no âmbito relacional, o primeiro momento lógico é uma ação abstrativa do entendimento que trata cada categoria de forma isolada. Nesse momento o início puro é apenas o Ser puro e simples, o ponto de partida. Para que possamos “ver o que ele é”, é preciso que o movimento inicie, entra em cena então o momento lógico dialético, onde o Ser se relaciona com o seu diferente, o Nada: “ser e nada estão, no início, presentes como diferentes; pois o início aponta para algo outro; - ele é um não ser que está relacionado com o ser como com um outro” (HEGEL, p.76, 2016). Assim vai se desenvolvendo uma progressão de determinação, a lógica caminha do mais indeterminado para o mais determinado, e não há negação de nenhum dos momentos lógicos. Com isso quero dizer que, o momento dialético não nega a função abstrativa do entendimento, porém, o leva para um próximo passo; assim como o terceiro momento lógico, o especulativo, não nega os seus anteriores, mas desenvolve uma unidade entre as categorias que se afirmam e se negam incessantemente. Nesse terceiro momento, temos, por exemplo, “ser e nada” concebidas como momentos do “devir”. “Desvendamos então, o último dos momentos do lógico: O especulativo ou positivo racional apreende a unidade das determinações em sua oposição” (LUFT, p.70, 2006).

Embora o especulativo seja o momento mais importante, o exercício do pensar abstrato do primeiro momento lógico é o primeiro passo para libertar o pensamento das amarras da representação sensível e, assim, como diz Hegel no tópico *Sobre o conceito geral da Lógica*: “segurar os conceitos na determinidade deles e a partir deles aprender a conhecer” (p.59,60, 2016).

Partindo de toda essa complexidade que envolve o início da Ciência como necessariamente tanto mediado como imediato, pensemos o que é o Ser em sua determinidade? Eis a pergunta, a qual, devemos estar atentos e em vigilância contra as suposições que estão escondidas no que parece a mais simples e inocente das questões. Segundo Houlgate, não é que a questão não deva ser

posta, pois ela é perfeitamente natural, mas antes que não devemos perguntar “o que”, “automaticamente partindo do princípio de que o que é solicitado é necessariamente o “o que” ele mesmo” (p.40, 2006 tradução minha). O que o intérprete inglês quer com isso é dizer que não devemos com essa pergunta achar que a resposta vai ser exatamente o que está sendo perguntado ou que vai se chegar ao resultado de um conceito que possa ser perfeitamente analisável por si mesmo – em sua determinidade. Uma vez que o Ser puro tem sua primeira resposta de o que é na imediatidade indeterminada, a própria resposta já deixou de Ser o que o Ser puro é, pois foi descrito como relação entre imediatidade e indeterminidade. Por isso, Houlgate, assim como Henrich, tenta pensar não em como a lógica deve proceder, mas em como ela procede. Esse procedimento mostra as categorias de pensamento para serem dialéticas, isso mostra que cada categoria “volta diante de nossos próprios olhos para sua negação” (HOULGATE, p.42, 2006).

3.Ser puro em Hegel: o elemento lógico

Partindo das três formas de justificar o início da Ciência com o Ser puro, cabe abordar até que ponto é possível pensar a descrição do Ser na sua justificação enquanto elemento lógico, um início puramente abstrato. Na *Divisão geral do ser*, Hegel postula três passos de determinação para o Ser:

O ser é primeiramente determinado frente a outro em geral; em segundo lugar, ele é determinante no interior de si mesmo; em terceiro lugar, na medida em que se deixa de lado este caráter preliminar do dividir, ele é a indeterminidade e a imediatidade abstratas nas quais ele tem de ser início (p.81, 2016).

Tanto a determinação do Ser frente a outro em geral quanto a sua determinação no interior de si mesmo pressupõe um caráter mediado de divisão, é no terceiro passo que o Ser é Ser em si mesmo, imediatidade indeterminada e está, portanto, no seu início puramente abstrato. O Ser em sua pureza e simplicidade é definido por Hegel com a famosa citação: “Ser,

puro ser, - sem nenhuma determinação ulterior. Em sua imediatidade indeterminada, ele é igual apenas a si mesmo e também não desigual frente a outro; não tem diversidade alguma dentro de si nem para fora” (HEGEL, p.85, 2016).

Em sua inicial imediatidade, o Ser não possui uma determinação propriamente dita porque ainda não está em relação. O Ser do início é apenas um ponto de partida imediato para a mediação do movimento que ele mesmo aciona. Fica claro que, em um primeiro momento, o Ser é descrito como anterior a sua afirmação e negação com o Nada. Na análise de Dieter Henrich, a representação do Ser na sua relação com o Nada já não pode descrever o Ser puro enquanto imediatidade indeterminada “Se assim fosse, a imediatidade indeterminada não poderia ser o que ela deveria ser: começo. Ela não seria imediata, mas sim lei, a saber, como forma, mas sem conteúdo, ou como Coisa ou como propriedade [*Eigenschaft*]” (p.77, 1967).¹⁶

Nas suas reflexões posteriores, mais especificamente no parágrafo 84 da *Enciclopédia*, Hegel deixa ainda mais claro que a determinação do Ser já é um passar para outra coisa. A determinação, como operação progressiva é, ao mesmo tempo, um pôr para fora e um desdobrar do próprio conceito. “A explicação do conceito na esfera do ser tanto se torna a totalidade do ser, quanto é por isso suprassumida a imediatez do ser ou a forma do ser como tal” (p.173, 1995). Portanto, temos uma espécie de paradoxo, no sentido de que quanto mais investigamos o Ser em sua totalidade, mais ele se apresenta como um emaranhado de afirmação e negação e assim, mais suprassumida estará a sua imediatez. Desta forma, a discussão do Ser que avança do momento abstrativo do entendimento e inicia o processo progressivo de relação e determinação dialeticamente também nos distancia da possibilidade de uma descrição mais

¹⁶ No seu excurso *Anfang und Methode der Logik*, localizado no livro *Hegel im Kontext* (1967), Henrich explicita porque o Ser puro só pode ser expresso indiretamente, através da via negationis das determinações da reflexão. Esse mesmo excurso será analisado e usado, em parte, pelo intérprete inglês de Hegel, Houlgate no seu livro: *The Opening of Hegel's Logic* (2006), especialmente no tópico *The Beginning of the Logic: Henrich's insight*. Henrich e Houlgate constituem o horizonte interpretativo do último passo do artigo presente.

precisa do que seja o Ser puro em sua imediatidade primeira. Entendemos com isso, que o estudo do Ser do início em Hegel é viável por meio de uma investigação analítica, ou seja, pela procura da proposição mais elementar que explique e torne possível uma análise precisa de si mesma.

Trabalhado segundo o primeiro momento lógico, ou seja, na operação da faculdade do entendimento, pensamos o Ser puro na relevância da sua própria reflexividade. A relevância da reflexividade permite-nos entender o Ser enquanto estrutura autorreferente de seu próprio conceito. Nesse contexto, o Ser refere-se a si mesmo de duas formas e anteriormente a relação com o Nada. De acordo com Henrich, ficamos com duas expressões do conceito de Ser como tal: “Imediatidade indeterminada [*unbestimmte Unmittelbarkeit*] e Identidade apenas consigo [*Gleichheit nur mit sich*]” (p.85, 1967).

A passagem do Ser para o Nada e do Nada para o Ser é de análise pensável apenas por intermédio do devir. No próprio ato do pensamento puro enquanto Ser ele já conduziu ao Nada e imediatamente a unidade contraditória de ambas, o devir. Ainda segundo o intérprete alemão, essa passagem não é entendida como de sentido para Hegel, quem a quer entender ou procurar, precisa interpretar o seguinte saber: Nós pensamos primeiro a imediatidade indeterminada do Ser puro.

Então notamos que fundou-se a síntese preparatória com as categorias reflexivas. O Ser é primeiro sem qualidade e indeterminado. Essa característica da indeterminação vem a ele, porém, somente no contraste com o determinado, então ele mesmo torna-se compreensível como determinado (HENRICH, p.88,89, 1967).

Pode-se pensar que não há uma passagem propriamente dita. No que concerne a reflexão do caráter determinado da imediatidade, a indeterminidade inicial, apenas poderá ser entendida como produto da reflexão abstratizante que permite o contraste com o determinado, tornando o Ser indeterminado como compreensível determinadamente. A imediatidade da primeira determinação será, embora completa em riquezas estruturais, essa que é a mais compreensível (sensata) para a

reflexão. Tal imediatidade nunca será, porém, posta como começo do todo, e poderá, mediante cada estrutura (ser – nada – devir), nunca ser totalmente interpretada¹⁷. Desta maneira, a única forma de conceber a evidência de que Ser e Nada são estruturas pensáveis e indistinguíveis é a *via negationis*. “Nessa evidência está capturado o infundado, a Unidade original do negativo consigo [*ursprüngliche Einheit des Negativen mit sich*]. Ela é, por isso, um fundamento de cada qual possibilidade de certeza para a natureza absoluta do espírito” (HENRICH, p.93, 1967).

Esse é o primeiro procedimento de interpretação do Ser puro que Dieter Henrich apresenta e segundo ele, o esclarecimento disso tem a ver com o que Hegel nos deixa reconhecer sobre o começo da lógica: que a consideração do resultado da *Fenomenologia do Espírito* (mediação) lhe dá outro fundamento para proceder. “A lógica dialética em si mesma só poderá ser entendida quando o seu início for tomado como totalmente imediato” (HENRICH, p.89, 1967). Esse procedimento se apresenta como uma exigência [*Aufforderung*], e consiste naquilo que falamos brevemente no tópico dois, sobre o Saber puro ter um novo começo, enquanto Ser puro indeterminado e imediato¹⁸.

Nesse complexo horizonte as duas expressões: *Imediatidade indeterminada* e *Identidade apenas consigo*, são possíveis unicamente pela *via negationis*. Isso quer dizer que há a exigência da reflexão de um começo que abstraia a sua própria reflexão pela negação e que nisso, “Este ser sem reflexão é o ser tal como ele é imediatamente apenas nele mesmo [...] O ser, o imediato indeterminado, é de fato, nada e nem mais e nem menos do que nada” (HEGEL, p.83, p.85, 2016). Mais adiante, na argumentação de Hegel desenvolvida no primeiro capítulo da *Ciência da Lógica*, já se referindo a determinação do algo, no tópico sobre *Realidade e*

¹⁷ Ver sobre a abordagem de Henrich sobre precisarmos de um método de aprendizagem dessa fundamentação que seja uma metalógica e que funde o entendimento na necessidade de um começo de uma imediatidade não suprassumível (p.93, 1967).

¹⁸ Essa concepção consiste na segunda forma de justificação do início com o Ser puro. Ver em p.11 do presente texto.

Negação, o filósofo menciona o caráter da afirmação como uma negação a luz de Espinosa, para o qual *toda determinação é uma negação*. “A determinidade é a negação posta como afirmativamente, é a proposição de Spinoza: *omnis determinatio est negatio*. Essa proposição é de importância infinita; apenas a negação como tal é a abstração sem forma” (p.117,118, 2016).

É, portanto, de muita coerência o ponto de partida tomado por Henrich. Seguindo sua via interpretativa, no que diz respeito à possibilidade de descrição do Ser puro inicialmente por meio de duas expressões que são possíveis de determinação *via negationis*, trazemos agora algumas observações do atual intérprete inglês, Houlgate, o qual propõe uma atenção especial ao movimento lógico do entendimento e consegue, assim, uma contribuição essencial para a própria filosofia da reflexão no início da lógica desenvolvida por Henrich¹⁹. Houlgate não parte da pressuposição de que o pensamento constitui um sistema dialético de categorias, mas parte do conceito absolutamente indeterminado do puro Ser e deixa o sistema emergir, um procedimento muito semelhante ao de Henrich. Segundo o primeiro, esse tipo de interpretação foi rejeitado ou ignorado, “por muitos comentadores e inclusive pela maioria mais influente, apesar de todo o texto que a favorece” (HOULGATE, p.54, 2006).

Para Houlgate, somos nós que temos de “desenhar as implicações inerentes em cada categoria e agarrar as novas categorias que emergem” (p.63, 2006). As duas formas humanas pelas quais o leitor que quer pensar especulativamente é ativo e desenvolve tal operação são o entendimento e a razão²⁰. Só podemos acompanhar o desdobramento imanente da categoria do Ser puro em outras categorias “se exercitarmos o entendimento e permitirmos tal entendimento tornar-se especulativo, um *insight* racional” (HOULGATE, p.65, 2006).

¹⁹ A posição de Houlgate é essencial no nosso último ponto argumentativo, uma vez que o mesmo autor dedica ênfase maior na atividade do entendimento como um momento lógico mediador da reflexão do que Henrich no desenvolver da sua Filosofia da Reflexão.

²⁰ Em sentido integrado e não kantiano como já observado no primeiro tópico do texto, ver pp.5 e 6 do presente artigo.

Não quer dizer que a operação do entendimento no começo da *Lógica* consista num fixar na distinção entre Ser e Nada, concordando com Henrich, segundo Houlgate, o entendimento simplesmente suspende ou abstrai todas as pressuposições. A lógica progride não pela repetição mecânica de idênticos atos do entendimento e da dialética da razão especulativa, mas sim porque o pensamento corresponde ou assiste a específica característica dos conceitos – começando com o Ser puro – e deixa que eles se desenvolvam e se determinem a si mesmos imanentemente de acordo com sua especificidade única. “Apesar disso, o entendimento e a razão estão trabalhando na lógica” (HOULGATE, p.65,66, 2006). Conforme a interpretação do estudioso inglês, não há um método de entendimento e razão definidos em Hegel, mas sim uma disposição ou disponibilidade para entender e ser racional, que é a disposição para manter a vista o que um conceito contém e deixar as implicações desse conceito nos levar onde quiser.

A importância da atividade do entendimento, como o início do “deixar-se levar”, garante sua firmeza pela fluidez com a qual ele isola o conteúdo num instante determinado. A potência do entendimento corresponde à potência do negativo e, poderíamos dizer que, por isso, o entendimento é uma força elementar para toda a movimentação da lógica, uma vez que divide e determina o imediato. O entendimento recorda a imediatez em momentos que constituem a propriedade de cada categoria.

A linguagem é responsável por desempenhar o seu papel permitindo que formulemos expressões negativas através das quais se espera eliminar o ordinário das conotações de certas palavras que nós usamos para caracterizar cada categoria. É isso que nos permite, no começo da lógica, formular a pureza abstrata e o conceito indeterminado do Ser, assim como dar atenção somente ao que segue daquele conceito indeterminado. Na interpretação de Houlgate a respeito do texto de Henrich por nós aqui usado, o último expõe “o uso distintivo da linguagem a fim de apreciar como uma filosofia imanente sem pressuposições é possível, o leitor da lógica de Hegel não precisa entender tanto o

que Hegel acredita por linguagem, mas como ele a emprega para pensar o puro Ser” (p.79, 2006).

As duas expressões usadas pelo intérprete alemão, em particular, atribuem caráter positivo ao Ser puro como categorias da reflexão *via negationis*, as quais, ao mesmo tempo, cancelam o seu caráter reflexivo. Segundo Houlgate, Henrich nota que esses termos (*Imediatidade indeterminada* e *Identidade apenas consigo*) forçam nossa mente no Ser puro apenas na extensão de que sua justaposição cancela certos aspectos de seu significado. A imediatidade só tem significado em contraste com a mediação e isso é o que a faz um termo reflexivo. Para Houlgate, a análise de Henrich na qualificação da palavra *imediatidade* com o adjetivo *indeterminado*, cancela parte do significado normal da palavra.

De acordo com isso, a expressão de Hegel *Imediatidade indeterminada*, que é a primeira a ser pensada por Henrich como descrição possível do Ser puro, “prende nossa atenção em uma imediatidade bloqueando a determinidade como tal em tamanho grau que isso não pode mais ser pensado como imediatidade de modo algum, mas apenas pode ser pensado como puro Ser” (HOULGATE, p.80, 2006). É a operação da reflexão que anula a si mesma. A pergunta que vem à tona com a interpretação de Houlgate é: Se Hegel quer que pensemos em um Ser puro não imediatamente, então por quê o uso do termo imediato? A resposta dada é a de que Hegel precisa usar esse termo porque o está endereçando a uma audiência que pensou usualmente o Ser assim, não só como puro, mas especificado e qualificado numa variedade de formas e então como mediado por todas as maneiras das diferenças e contrastes “como ser tangível, ao invés de ser sensível, ou histórico ao invés de existência natural e assim por diante” (HOULGATE, p.80, 2006). É para mostrar a essa audiência que o Ser do começo da Lógica não é pensado em nenhuma dessas formas normais – como mediado ou especificado – mas é para ser concebido como puro e total imediatidade. O uso da palavra imediato é necessário pelo fato de dar aos leitores uma forma mais abstrata da concepção de Ser.

Para Houlgate, a operação do entendimento por via da reflexão é uma atividade humana que, pelo uso da linguagem, nos

permite compreender o sentido da própria negação de modo profundo. No momento em que o Ser toma sua posição para além do uso simples da palavra e situa-se enquanto *Imediatidade indeterminada*, a própria imediatidade torna-se “a negação da mediação e enquanto tal mediada e determinada por intermédio desse conceito. A imediatidade indeterminada é assim uma expressão da origem do pensamento da imediatidade ajustada na Lógica da Reflexão e convertida em sua oposta” (HENRICH, p.85, 1967).

Seguindo a argumentação de Henrich, “o mesmo é válido para a expressão *Identidade apenas consigo*” (HENRICH, p.85, 1967); e conforme nota Houlgate, com essa segunda expressão, “Hegel emprega palavras ordinárias reflexivas de tal forma que as conotações reflexivas dessas palavras são canceladas, deixando seus leitores atentos ao puro ser sozinho” (p.81, 2006). Normalmente, algo é tomado como igual apenas em relação a outro. E assim Hegel mostra que a conotação de igualdade está sendo negada aqui, a relação inicial não se dá em contraste com algo a que se poderia igualar. A igualdade, porém, não é uma noção redundante a ser invocada, o Ser puro é igual a si mesmo no sentido de não ter uma divisão ou diversidade interna. Nas palavras de Hegel, o Ser puro, enquanto *Identidade apenas consigo*, “é igual apenas a si mesmo e também não desigual frente a outro; não tem diversidade alguma dentro de si nem para fora” (HEGEL, p. 85, 2016). Se fosse diferenciado em seu interior uma determinação ou um conteúdo, ou se ele fosse relacionado com outro elemento por caráter de diferença, então “ele não seria fixado em sua pureza” (HEGEL, p.85, 2016).

É pelo desenrolar de tal compreensão a respeito do começo da Ciência com o Ser puro segundo duas expressões que, segundo uma observação importante de Houlgate, devemos falar antes em *descrição* do Ser do que em *determinação*²¹. *Imediatidade*

²¹ A esse respeito é interessante pensarmos na diferença dos termos determinação [*Bestimmung*] e determinidade [*Bestimmtheit*], o que torna a *descrição* ainda mais adequada para falarmos do Ser puro; uma vez que a determinação já é inevitavelmente relacional e a indeterminidade também pressupõe uma negação primeira. No que concerne ao Ser, ele é apenas uma indeterminidade primeira, uma primeira negação imediata. Mais adiante, na Lógica, enquanto definição da própria determinação entende-se algo muito

indeterminada e Identidade apenas consigo, comprovam por si mesmas que “carecem de toda posterior determinação, mas elas não definem o ser como a explícita carência, ausência ou negação de determinação” (HOULGATE, p.82, 2006). Elas apenas nos forçam a pensar o Ser puro em si mesmo, sozinho. Tal pureza abstrata do pensamento requer o uso preciso da negação e das expressões autocanceladoras [*selfcancelling expressions*]. É na linguagem que o pensamento ordinário da reflexão torna-se o entendimento puramente abstrato que concebe apenas o predomínio do Ser puro e simples.

Considerações finais:

Após longo caminho argumentativo, cheguei a descrição mais aproximada do Ser puro em duas expressões: *Imediatidade indeterminada e Identidade apenas consigo*. A análise da categoria do Ser puro por nós desenvolvida, a luz de importantes comentadores teve como ponto de partida a compreensão de que a Lógica de Hegel, enquanto uma filosofia científica, pode ser compreendida como uma extensiva análise das categorias básicas do pensamento que não admite um método prévio. Essas categorias permeiam nosso consciente e nossa linguagem e dão estrutura a tudo que percebemos, mas não são percepções ou sensações e sim conceitos abstratos, formas de pensamento que nos permitem entender a nossa própria experiência. Para conhecer determinada categoria é preciso usar da força do entendimento, o momento lógico responsável pela abstração da categoria de modo isolado.

Como visto, assim como as demais categorias da *Lógica*, a categoria inicial do movimento especulativo, o puro Ser, possui em si a constituição lógica do seu próprio processo. No começo

mais complexo, a saber, os momentos relacionais do algo. Ao Ser em si, sem qualidade “compete-lhe o caráter da indeterminidade apenas em oposição ao determinado ou ao qualitativo” (p.83, 2016). Sobre o conceito de determinação: “A determinação e a determinidade afirmativa como o ser em si, ao qual o algo permanece em conformidade no seu ser aí frente a seu envolvimento com o outro, pelo qual ele seria determinado, [algo] que se conserva na sua igualdade consigo, que a faz valer no seu ser para outro” (p.12, 2016).

ele não apresenta a concretude do processo lógico, ao contrário, constitui um novo início para o resultado do processo fenomenológico. Assim, no início o Ser se apresenta como um vazio que vai se expondo no entrelaçamento categorial e se revelará como conceito. O processo lógico-especulativo enquanto trabalho da Ciência depende dessa unidade primeira, imediata e vazia para o seu desenvolver. Apreendendo no que consiste o processo lógico especulativo tornou-se para nós aqui mais clara e contextualizada a pergunta de Hegel a respeito de com o que deve ser feito o início da Ciência. Uma vez que o início da Ciência fosse já provido de determinação, ele não seria início e já se encontraria no meio do processo do movimento especulativo.

Responder que o início da Ciência deve ser feito com o Ser puro e imediato que também é mediato pela sua descrição unicamente possível por intermédio da reflexão é responder que Ser e pensar são os mesmos. Se o Ser é o portador do seu próprio processo constitutivo, o Ser é o pensamento que pensa a si mesmo e que parte de seu estágio de mais íntima pureza, indeterminidade e identidade (Ser puro) para pensar e ser a si mesmo.

REFERÊNCIAS:

FICHTE, J. G. *O conceito da doutrina da ciência*. Tradução de Rubens Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (pp.12 - 33)

HEGEL. G.W.F. *Jenaer Schriften 1801-1807*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.

_____. *Ciência da Lógica: 1. Doutrina do ser*. Traduzido por Cristian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petropolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

_____. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830). Volume 1: A Ciência da Lógica*. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

HENRICH, D. *Hegel im Kontext*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1967. (pp.73 – 95).

HENRICH, D. *Negative Dialektik*. Rezension. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1967.

HÖLDERLIN, F. *O supremo*. In: Fragmentos de Píndaro. Tradução de Bruno C. Duarte. Lisboa, Assírio e Alvim, 2010. (p.25)

HOULGATE, S. *The Opening of Hegel's Logic: From Being to Infinity*. West Lafayette. Purdue University Press, 2006.

JACOBI, F. *Carta a Fichte*. Trad. José Luis Villacanãs. Barcelona: Círculo de Lectores, 1996. (pp.483 – 501).

LUFT, E. *Sobre a dissociação da razão moderna: a busca hegeliana por uma conciliação entre criticidade e saber absoluto*. Filosofia Unisinos. Jan/Abr, 2006. (pp.62-71)

ORSINI, F. *Sobre a ideia não pragmatista do início da filosofia em Hegel*. Anais da XV semana acadêmica do PPG em filosofia da PUCRS. Vol 3. Porto Alegre, 2015. (pp.188-205)

REINHOLD, K.L. *Über die Möglichkeit der Philosophie als strenge Wissenschaft*. Hamburg: Meiner, 1978. (pp. 342 - 372).